

DIÁRIO DA QUARENTENA

A pandemia de Covid-19
como acontecimento

Vera França
Paula Simões
Terezinha Silva
Fabíola Souza
Samuel Silveira
(Organizadores)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D539

Diário da Quarentena [livro eletrônico]: a pandemia de COVID-19 como acontecimento / Organizadores Vera França... [et al.]. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. 492 p. – (Olhares Transversais – v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86989-04-5

1. Comunicação Social. 2. Pandemia. I. França, Vera. II. Simões, Paula. III. Silva, Terezinha. IV. Souza, Fabíola. V. Silveira, Samuel. VI. Série.

CDD 302.2

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Atelier de Publicidade UFMG
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Bruno Guimarães Martins
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO
Gracila Vilaça

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:

<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

REFLEXÕES

II - Qual o futuro depois da pandemia? Quem sabe uma sociedade mais solidária?

VERA FRANÇA EVOCA HIPÓTESES ALVISSAREIRAS

O quadro nefasto da pandemia, que veio exacerbar problemas e limites já vividos por nossas sociedades em nível mundial, inspira medo e ressuscita fantasmas, como formas mais intensas de autoritarismo, aumento do sofrimento e morte, sobretudo junto aos grupos sociais mais fragilizados.

Ao mesmo tempo, porém, hipóteses mais alvissareiras também são evocadas. Algumas exploram as possibilidades de autorreflexão e autoconhecimento estimuladas por esse momento de parada e de isolamento. Seria o tempo de contato consigo próprio e de revisão de rumos e escolhas; de crescimento espiritual, de formação de novos projetos de subjetivação (de sujeitos mais solidários e menos egoístas).

No entanto, vivemos em coletividade — e nem sempre as alternativas de vida estão ao alcance de decisões individuais. É por este caminho que alguns pensadores, críticos do contemporâneo, vislumbram nessa crise global a possibilidade do surgimento de um outro tipo de sociedade. Citando Slavoj Žižek¹,

1. ŽIZEK, Slavoj. El coronavirus es un golpe al capitalismo a lá Kill Bill.... IN: AMADEO, Pablo (org.) *Sopa de Wuhan*. Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), marzo 2020.

quizás otro virus ideológico, y mucho más beneficioso, se propagará, y con suerte nos infectará: el virus de pensar en una sociedad alternativa, una sociedad más allá del estado-nación, una sociedad que se actualiza a sí misma en las formas de solidaridad y cooperación global.

O que poderia levar ao surgimento desse “vírus”, que elementos poderiam estimular movimentos em direção a um outro projeto de sociedade? Exatamente a falência do atual projeto, exposta de maneira brutal pela experiência da doença letal que se expande — ainda sem controle — por todo o mundo.

A chegada inesperada da pandemia evidencia de forma crua os limites — e a fatura — do modelo neoliberal que se tornou hegemônico nas últimas décadas. Esse modelo tem como espinha dorsal a combinação da ideia de livre mercado (e seu corolário, o Estado mínimo) e o ideal-tipo do empreendedor de sucesso (*self made man*).

A propagação da Covid-19 e seu saldo de mortes e devastação colocam na ordem do dia um conjunto de questões:

- é possível enfrentar uma crise sanitária sem a presença e atuação do Estado? O Estado pode estar ausente da prestação de serviços básicos — como é a saúde? Uma rede privada de assistência à saúde é capaz de atender às necessidades de uma sociedade, sobretudo de seus segmentos sociais mais frágeis?

- a dinâmica de mercado responde às necessidades de investimento em áreas preventivas — o que inclui estoque de material essencial, pesquisa científica para identificação e tratamento de doenças e/ou problemas futuros?

- o que significa negligenciar a pesquisa científica e tecnológica de longo prazo, em função do utilitarismo pragmático do corte de gastos públicos?

- esforços individuais são suficientes para enfrentar uma crise (seja ela sanitária ou de outra ordem)? Os “méritos” de cada um são suficientes para preservá-lo (e aos seus) da contaminação e, eventualmente, da morte?

- as leis do mercado nos organizam e nos preparam para enfrentar catástrofes coletivas?

- podemos continuar convivendo com o atual nível de concentração da riqueza e da renda? Temos consciência do que significa priorizar os lucros e a produtividade em detrimento das pessoas, dos empregos, da sobrevivência digna de todas as pessoas?

- quanto tempo mais a sociedade suporta a restrição contínua de gastos públicos na área social — consequência da minimização do papel do Estado e do domínio do capital financeiro?

- um pequeno período com a diminuição do trânsito e do funcionamento das máquinas já provocou mudanças na qualidade da atmosfera, das águas. Queremos continuar a destruição cada vez mais visível e predatória de nosso ecossistema?

Estas perguntas já vinham sendo feitas, mas em níveis restritos. A chegada do coronavírus mostrou o quanto somos frágeis coletivamente — e o quanto nossa sobrevivência deve ser resultado de um projeto coletivo, e não individual ou setorializado.

Quem sabe esse momento de caos e a tomada de consciência que ele proporciona nos estimule — e nos empurre — na busca de um outro modelo de sociedade? Um modelo alternativo, baseado na solidariedade, no respeito a todas as formas de vida e na justiça social?